

O CINEMA E O ENSINO DE HISTÓRIA: UMA METODOLOGIA PARA UMA PEDAGOGIA DA AUTONOMIA

Suélen Pawelkiewicz¹
Édina Maria Wuikoski²
Vicenzo Gostinski Bieseki³
Halferd Carlos Ribeiro Júnior⁴

INTRODUÇÃO

Na sala de aula, o professor pode utilizar diferentes estratégias metodológicas para proporcionar diferentes experiências que promovam o processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, o cinema é uma ferramenta que possibilita ver a História a partir de novas perspectivas. Assim, tomando o real como referência, o cinema permite a expansão da realidade, o alargamento dos horizontes, o contato com o estranho e o desenvolvimento da empatia histórica. Dessa forma, muito mais do que uma ferramenta de registro e representação, o filme se transforma num instrumento para a construção do conhecimento histórico a partir de questões e contextos do presente (Alves, 2020).

Em diálogo com essa reflexão, a proposta do presente trabalho é, a partir da experiência e das discussões do Programa de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus* Erechim (UFFS)⁵, pensar o cinema enquanto um instrumento pedagógico para desenvolver a autonomia dos alunos. Nesse ponto, mobilizamos as reflexões de Paulo Freire (1996) para pensarmos a pedagogia da autonomia, e a partir disso, indagar as possibilidades do uso do cinema na sala de aula.

A escolha do tema é impulsionada pela necessidade de refletir sobre estratégias de ensino que promovam o protagonismo estudantil e a formação crítica, especialmente no ensino de História. O cinema por ser uma expressão artística e cultural possui a capacidade de estimular o pensamento crítico, criar novas perspectivas sobre o conhecimento e a conexão com os conteúdos escolares com a realidade dos alunos.

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a utilização do cinema como recurso pedagógico no processo de ensino-aprendizagem em História, fundamentado nos princípios da pedagogia de Freire. Especialmente busca-se compreender de que maneira a linguagem cinematográfica pode contribuir para o

1 Acadêmica do Curso de História – 7º Fase. Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim. shupawelkiewicz@gmail.com

2 Acadêmica do Curso de História – 7ª Fase. Instituição Universidade Federal da Fronteira Sul. edmariwks@gmail.com

3 Acadêmico do Curso de História – 7ª Fase. Instituição Universidade Federal da Fronteira Sul. vicenzogostinski@gmail.com

4 Doutor pela Universidade Estadual de Campinas. Orientador. Professor do Curso de História da Universidade Federal da Fronteira Sul. halferd.junior@uffs.edu.br

5 Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), e à Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) pela oportunidade de participação e formação proporcionada.

desenvolvimento da autonomia dos estudantes e identificar estratégias pedagógicas que dialoguem com os princípios da educação libertadora.

1 METODOLOGIA

A partir de uma pesquisa teórica, com foco em estudos bibliográficos e documentais (filmes), foram analisados os filmes *Elefante* (2003), dirigido por Gus Van Sant, e *Narradores de Javé* (2003), dirigido por Eliane Caffé, procurando demonstrar o processo de construção de sentidos e os temas abordados por eles e possíveis usos em sala de aula. Ainda, tomamos como referência para analisar as relações entre cinema e ensino de História, as reflexões produzidas por Alves (2020), Meirelles (1997), Nascimento (2008), para pensar estratégias da ação pedagógica para a autonomia temos como referência Paulo Freire (1996).

2 REFERENCIAL TEÓRICO E/OU DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Segundo Alves (2020) a produção cinematográfica exerce um papel fundamental na representação da realidade. A complexidade da realidade, para o autor, não permite sua completa racionalização, levando a uma intensa volatilidade de definições que estão ligadas às sensibilidades, aos contextos, às cosmovisões e à imaginação. Nesse sentido, a sétima arte é capaz, segundo o autor, de estabelecer ordem, direção, sentido e significação, de alargar horizontes a partir da ficção, de gerar contato com o estranho, empatia, entendimento e compreensão, tudo isso tomando o real como uma referência, ou não.

Com isso, são notáveis a capacidade de aproximação, de afastamento, de comparação, de averiguação, de representação e de reflexão sobre a realidade proporcionada pelas produções cinematográficas. Porém, para além da representação do passado, o cinema possibilita a reflexão sobre a sua própria prática diretiva e produtiva.

Ao pensarmos nas contribuições de autores que discutem o cinema como ferramenta pedagógica, destacamos as reflexões de Alves (2020), que entende o cinema como uma linguagem potente para representar o mundo e provocar reflexões sobre a realidade vivida. O cinema, nesse sentido, não apenas apresenta narrativas sobre o passado, mas também favorece a análise crítica da realidade atual, possibilitando ao estudante refletir sobre sua prática e seu contexto.

Ao relacionarmos essa perspectiva com o pensamento de Paulo Freire (1996), percebemos que há um ponto de convergência: o cinema, assim como a pedagogia freireana, propõe uma prática educativa baseada no diálogo, na problematização e na construção de conhecimento. Freire defende uma educação que estimule o pensamento crítico, a escuta e a responsabilidade do educador na formação de indivíduos autônomos e ativos no mundo.

Dessa forma, ao relacionarmos as ideias de Alves (2020) e Freire (1996), compreendemos que o cinema pode atuar como ferramenta pedagógica. Ele estimula reflexões, favorece o desenvolvimento da autonomia intelectual e promove o diálogo entre professor, estudante e realidade. Mais do que ilustrar conteúdos, o cinema passa a contribuir com a construção de um processo educativo comprometido com a transformação social.

No ensino de História, o cinema pode auxiliar o estudante a compreender que o conhecimento histórico não é neutro, mas construído a partir de diversas

interpretações e interesses. Esta perspectiva é fundamental para que os alunos identifiquem os diversos discursos presentes nas narrativas cinematográficas e aprendam a se posicionar diante delas de maneira consciente.

Meirelles (1997) aponta que o cinema, por ser um meio visual, auxilia a história por apresentar diversas características passíveis de análise e de compreensão em decorrência do período em que são feitas. Para além, coloca que é uma manifestação do pensamento humano e de uma representação histórica sobre determinado período. O que também implica a questão da forma de representação, já que o produtor tem autonomia de escolha para o que decide evidenciar na obra. Fazendo com que seja possível uma análise na História sobre os seus anseios e escolhas para tal produção. Fazendo-se perceber assim as intenções que o diretor possui e a narrativa que defende.

Assim sendo, a utilização do cinema como uma ferramenta em sala de aula favorece a formação de um ambiente mais propício ao desenvolvimento crítico dos estudantes. Nascimento (2008), contribui para essa discussão ao destacar que o uso do cinema no ensino de História exige uma preparação pedagógica, uma estrutura escolar apropriada e uma postura crítica por parte do professor. O autor destaca que o cinema não deve ser considerado apenas um recurso ilustrativo para o conteúdo, mas como uma ferramenta que instiga o aluno a interpretar discursos e refletir sobre processos históricos. Ele sugere etapas metodológicas que envolvem o planejamento das apresentações, a contextualização das obras e a mediação crítica do professor, aspectos que se alinham diretamente com a perspectiva freireana adotada neste estudo.

Nesse contexto, o pensamento de Paulo Freire (1996) valoriza a autonomia intelectual, o diálogo e a problematização como alicerces para uma educação transformadora. O cinema, dentro dessa perspectiva, pode ser compreendido como um recurso que extrapola a simples exibição de imagens e passa a constituir-se como ferramenta didática na construção do conhecimento.

Ao relacionarmos as ideias dos autores mencionados que discutem o uso pedagógico do cinema como os pressupostos da pedagogia freireana, percebemos que o cinema pode se tornar uma ponte entre o conhecimento e a realidade vivida pelos alunos, estimulando reflexões, questionamentos e uma aprendizagem mais crítica e significativa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com base nas reflexões construídas durante a realização das atividades formativas no grupo do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), elaboramos uma análise sobre o potencial do cinema como recurso didático no ensino de História. As discussões em grupo, combinado a avaliação dos filmes e leituras teóricas, evidenciam a contribuição do cinema para uma prática de ensino mais crítica, conectada com a realidade dos alunos e alinhada à proposta educativa de Paulo Freire.

O filme *Os Narradores de Javé* (2003) apresenta uma comunidade prestes a ser alagada pela construção de uma represa. Para tentar impedir o fim do vilarejo, os moradores decidem registrar sua história em um documento que legitime sua importância. A narrativa permite discutir a valorização do conhecimento popular, memória, identidade e pertencimento.

A diretora constrói esses sentidos através de uma linguagem cinematográfica que combina oralidade, humor e disputas simbólicas. A história é contada por meio

das versões contraditórias de diferentes moradores, demonstrando que a memória é diversificada, subjetiva e politicamente disputada. Eliane Caffé escolhe planos fechados e pela movimentação da câmera como um documentário, aproximando o público dos personagens e da realidade vivenciada por eles. Essa escolha estética contribui para valorizar os modos de vida locais e o papel da narrativa oral como forma legítima de produção de conhecimento.

Uma cena marcante que ilustra essa construção é aquela em que os moradores se reúnem para ditar suas versões da história do vilarejo a Antônio Biá, o único morador letrado. A diversidade de relatos, com contradições e exageros, evidencia que não há uma única verdade histórica, mas sim várias memórias disputando espaço. A cena revela que, enquanto alguns tentam preservar o passado, outros buscam moldá-lo conforme suas próprias vontades. Além disso, o domínio da escrita também representa o poder de decidir o que será registrado como legítimo. Essa leitura se aproxima da pedagogia freireana ao questionar quais vozes são silenciadas na construção do conhecimento histórico e ao valorizar os saberes populares como essenciais para a formação crítica.

Figura 1: Moradores Ditando Versões da História para Antônio Biá



Fonte: Cena do filme "Narradores de Javé" (2003).

Este tipo de abordagem permite, em sala de aula, trabalhar temas como a construção da história oficial, a importância da oralidade e a marginalização das classes populares nos registros históricos. Ademais, incentiva o aluno a refletir sobre a sua própria realidade, compreender que também é sujeito histórico e criador de conhecimento.

Já o filme *Elefante* (2003) aborda o cotidiano escolar de forma silenciosa, mas intensa, culminando em um episódio de violência extrema. O longa propõe reflexões profundas sobre o isolamento, a indiferença, os conflitos internos da juventude e o papel da escola nesse cenário. Ao trabalhar esse filme em sala, é possível abordar não só a violência, mas as relações interpessoais, a escuta e a empatia como elementos centrais do ambiente escolar.

O diretor propõe uma construção de imagem onde as cenas são contínuas e longas, o que é chamado de plano-sequência. Fazendo com que assistir ao filme se torne, de certa forma, pesado, já que coloca o espectador na agonia de acompanhar os personagens, inserindo-o como parte do filme. Essa proposta é usada por Van Sant para que o ambiente da escola do filme seja visto como se quem o assiste fosse participante daquele espaço, fazendo sentir e vivenciar a rotina narrada.

A obra *Elefante* traz à tona as preocupações dos jovens e a necessidade de compreensão e acolhimento que eles necessitam. Cenas do filme como a do

momento do massacre, onde o atirador conversa com o diretor da escola, reforçam este ponto de que os estudantes precisam sentir-se acolhidos e protegidos. Nessa cena, é possível fazer uma conexão com outra do início obra, onde, quando um aluno chega atrasado e vai para a sala do diretor, este não faz nenhuma pergunta, há apenas troca de olhares entre o responsável pela instituição e o estudante, provando que não há uma tentativa de acolhida e compreensão para com os alunos. E, quando chega o momento dos assassinatos, um dos responsáveis por este, em diálogo com este funcionário, o alerta sobre a necessidade de que os alunos sejam ouvidos, mas, que para ele, já não há salvação e acaba por assassinar o diretor.

Ambos os filmes contribuem para promover debates críticos e sensíveis com os estudantes, permitindo que eles articulem os temas apresentados com suas próprias vivências e os conteúdos escolares, participando de forma ativa e significativa no processo de aprendizagem.

CONCLUSÃO

A utilização do cinema é uma ferramenta eficaz justamente por permitir que os alunos assumam uma postura mais ativa no processo de aprendizagem. Ao assistir, analisar e debater filmes, eles desenvolvem autonomia, pois passam a construir suas próprias interpretações dos temas abordados. Além disso, o contato com diferentes narrativas estimula o pensamento crítico, já que o estudante é levado a refletir sobre realidades diversas, comparando com o que aprende em sala de aula e com sua vivência.

REFERÊNCIAS

ALVES, Pedro. Cinema e História: Perspectivas e Caminhos. In: ALVES, Luís; PEREIRA, Gaspar. *Cruzar Histórias: I Oficinas Luso-Africo-Brasileiras*. Porto: Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”, 2020. cap. V, p. 76-85. ISBN 978-989-8351-73-9.

CAFFÉ, Eliane (Direção). *Narradores de Javé* [Filme]. Brasil: Bananeira Filmes, 2003. Disponível em: <https://www.environmentandsociety.org/mml/narradores-de-jave-storytellers>.

Acesso em: 25 abr. 2025.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)

MEIRELLES, William Reis. *O cinema como fonte para o estudo da História*. Hist. Ensino, Londrina, v.3, p.113-122, abr. 1997.

NASCIMENTO, Jairo Carvalho do. *Cinema e Ensino de História: Realidade Escolar, Propostas e Práticas na Sala de Aula*. Fênix – Revista de História e Estudos Culturais. Abril/Maio/Junho de 2008, v. 5, n. 2.



VAN SANT, Gus (Direção). *Elefante* [Filme]. EUA: HBO Films, 2003. Disponível em: Max. Acesso em: 15 fev. 2025.

